

o hotel das recordações  
trilogia o hotel das recordações  
nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para John Reese, o melhor chefe do mundo,  
e o pessoal do Hotel BoonsBoro*



*O canto e o silêncio no coração,  
Que em parte são profecias,  
E em parte anseios tolos e vãos.*

—LONGFELLOW



## CAPÍTULO UM

**A**s paredes de pedra mantinham-se de pé, como haviam feito ao longo de mais de dois séculos, simples, robustas e fortes. Extraídas dos montes e dos vales, erguiam-se como testemunho do desejo inerente do Homem em deixar a sua marca, em construir e criar.

No decorrer desses dois séculos, o Homem havia combinado a pedra com tijolo, com madeira e vidro, alargando, transformando, melhorando de acordo com as necessidades, com os tempos, com os caprichos. Durante esse período, o edifício situado no cruzamento viu a povoação transformar-se em vila com a construção de mais edifícios.

A estrada de terra batida foi asfaltada; o cavalo e a carruagem deram lugar aos carros. Mudaram-se os tempos num abrir e fechar de olhos. No entanto, o edifício ali permanecia, no seu canto da praça, um marco resistente no ciclo da mudança.

Conhecia a guerra, o eco dos tiroteios, os gritos dos feridos, as orações dos temerosos. Vira sangue e lágrimas, alegria e fúria. Nascimento e morte.

Prosperara em tempos de bonança e suportara os tempos difíceis. Mudara de mãos e de propósito, mas as paredes mantinham-se.

Com o passar do tempo, a madeira dos seus graciosos alpendres começara a ceder. O vidro partira; a argamassa fendera e desfizera-se.

Alguns dos que paravam no semáforo da praça da pequena vila podiam olhar de relance para ver os pombos a esvoaçarem através das janelas partidas e perguntar-se o que teria sido o velho edifício no seu tempo. Depois o semáforo ficava verde e seguiam o seu caminho.

Beckett sabia.

Estava na esquina oposta da praça, de polegares enfiados nos bolsos das calças de ganga. O ar estava abafado, com as altas temperaturas de verão. Sem trânsito, ele podia ter atravessado a rua principal, mesmo com o sinal vermelho, mas continuava à espera. Lonas opacas azuis tapavam a fachada do edifício, do telhado ao chão. Durante o inverno, haviam servido para manter o ambiente quente para os trabalhadores. Agora serviam para bloquear o Sol... e a vista.

Mas ele sabia qual era o seu aspeto naquele momento e qual seria quando a reforma estivesse concluída. Afinal, tinha sido ele a projetá-la... juntamente com os dois irmãos e a mãe. Mas as plantas tinham a sua assinatura como arquiteto, sua principal função enquanto sócio da construtora Montgomery Family Contractors.

Beckett atravessou a rua e, na quietude das três da madrugada, os seus ténis quase não produziram ruído sobre o pavimento. Passou por debaixo dos andaimes, percorreu a lateral do edifício, ao longo da rua St. Paul, satisfeito por ver, sob a iluminação dos candeeiros de rua, o quão limpos haviam ficado a pedra e o tijolo.

O pequeno hotel de charme parecia antigo... era antigo, pensou ele, e isso fazia parte da sua beleza e encanto. Mas agora, pela primeira vez, tinha um aspeto cuidado.

Contornou as traseiras, pisando a terra ressequida pelo sol e o entulho espalhado pelo espaço que futuramente seria um pátio. Ali, os alpendres que abarcavam o primeiro e segundo andares erguiam-se direitos e firmes. Os balaústres feitos sob medida — para replicarem os das fotografias antigas do edifício e os remanescentes encontrados durante a escavação — tinham acabado de receber o primário e secavam pendurados num pedaço de arame.

Beckett sabia que o irmão mais velho, Ryder, empreiteiro da obra, tinha programada a instalação dos corrimãos e dos balaústres.

Ele sabia, porque Owen, o segundo dos três irmãos Montgomery, os martirizava com horários, agendas, projeções e registos de despesas... e mantinha Beckett informado de cada prego martelado.

Quer ele quisesse, quer não.

Neste caso, normalmente queria estar informado, pensou Beckett enquanto tirava a chave do bolso. O antigo hotel tornara-se uma obsessão de família.

Ele estava completamente rendido, admitiu ao abrir a porta temporária que dava acesso ao futuro vestibulo. Nenhum outro projeto da construtora captara tanto a sua atenção, a atenção de todos eles, como aquele. E ele desconfiava que mais nenhum o faria.

Premiu o interruptor e a lâmpada da obra, que pendia do teto, acendeu para iluminar chãos de betão despidos, paredes rugosas, ferramentas, lonas, material.

Cheirava a madeira, a pó de betão e vagamente às cebolas grelhadas que alguém devia ter pedido para o almoço.

Beckett faria de manhã uma inspeção mais minuciosa do rés-do-chão e do primeiro andar, quando houvesse maior luminosidade. De qualquer modo, fora uma tolice ir àquela hora, quando não podia ver grande coisa e estava completamente exausto. Mas não fora capaz de resistir.

Completamente rendido, pensou novamente, passando sob um amplo arco com a orla de pedra ainda áspera e exposta. Depois acendeu a lanterna e encaminhou-se para a frente do edifício, para as escadas da obra que conduziam aos pisos superiores.

O lugar tinha algo de especial a meio da noite, quando o ruído das pistolas de pregos, das serras, dos rádios e das vozes cessavam e as sombras se apoderavam dele. Algo não totalmente silencioso, não totalmente quieto. Algo que roçava os dedos pelo seu pescoço.

Mais uma coisa a que não conseguia resistir.

Perscrutou com a lanterna o primeiro andar e reparou no revestimento castanho das paredes. Como sempre, o relatório de Owen fora exato. Ry e a sua equipa tinham terminado o isolamento naquele piso.

Embora tivesse sido sua intenção continuar a subir, deambulou por ali com um sorriso rasgado no rosto de traços vincados, com o prazer a iluminar-lhe os olhos azuis-escuros.

— Isto está a andar — disse para o silêncio, numa voz rouca devido à falta de sono.

Avançou pelo escuro, seguindo o feixe de luz da sua lanterna; um homem alto, de ancas estreitas, as pernas compridas dos Montgomery e



densos cabelos castanhos ondulados com laivos avermelhados que herdara dos Riley, o lado materno.

Teve de lembrar a si mesmo que, se continuasse a vasculhar, teria de se levantar antes mesmo de se deitar, por isso subiu ao segundo andar.

— Isto, sim! — Um deleite absoluto dispersou a ideia de ir dormir, enquanto ele deslizava o dedo pelos remates das placas de gesso cartonado acabadas de colocar.

Apontou a lanterna para os orifícios destinados à instalação elétrica, avançou para o que seria o apartamento do gerente do hotel e observou o mesmo para a canalização na cozinha e na casa de banho. Passou mais tempo a deambular por aquela que seria a suite mais elaborada, anuindo em sinal de aprovação para a parede flutuante que dividia o espaço generoso da casa de banho.

— És um autêntico génio, Beck. Agora, por amor de Deus, vai para casa.

Meio zozno de cansaço e entusiasmo, deu mais uma boa olhada antes de começar a descer as escadas.

Ouviu o ruído ao chegar ao primeiro andar. Uma espécie de murmúrio... distintamente feminino. Quando ouviu o som, sentiu também o perfume: madressilva, doce e silvestre, uma evocação do verão.

Sentiu um pequeno sobressalto, mas segurou firmemente a lanterna enquanto percorria o corredor ao longo de vários quartos de hóspedes inacabados. Abanou a cabeça quando o som e o perfume se desvaneceram.

— Eu sei que estás aqui — disse ele com clareza, e o eco devolveu-lhe a voz. — E calculo que já estejas aqui há algum tempo. Estamos a dar-lhe uma nova vida. O hotel merece. E espero sinceramente que gostes do resultado final porque... bem, é assim que vai ser.

Beckett aguardou um ou dois minutos, suficientemente fantasista, ou cansado, para imaginar que quem, ou o que, habitava aquele edifício tivesse um comportamento cético.

— Seja como for. — Encolheu os ombros. — Estamos a dar o nosso melhor e olha que nós somos bastante bons.

Desceu as escadas e reparou que a luz da obra já não estava acesa. Tornou a ligar e a desligar o interruptor e voltou a encolher os ombros. Não seria a primeira vez que a atual residente brincava com um deles.

— Boa-noite! — gritou ele, e trancou a porta.

Desta vez não esperou pelo sinal verde e atravessou a rua na diagonal. A pizzeria e restaurante Vesta ocupava outra esquina da praça, com o seu apartamento e escritório por cima. Beckett desceu o passeio inclinado até ao parque de estacionamento das traseiras para ir buscar o saco ao habitáculo da pick-up. Decidindo que seria capaz de matar qualquer um que o acordasse antes das oito da manhã, destrancou a porta que dava acesso às escadas, passou pela porta do restaurante e subiu ao seu apartamento.

Não se incomodou em acender a luz, deslocando-se por memória e com a ajuda da iluminação de rua que entrava pelas janelas. Despiu-se junto da cama, largando a roupa no chão.

Deitou-se de bruços sobre o colchão e adormeceu a pensar em madressilvas.

O telemóvel que ele deixara no bolso das calças de ganga começou a tocar às seis e quarenta e cinco.

— Filho da mãe.

Beckett rastejou da cama para o chão e tirou o telefone do bolso. Apercebeu-se de que tinha a carteira encostada ao ouvido quando ninguém respondeu.

— Merda.

Largou a carteira e tirou atrapalhadamente o telefone.

— Que diabo queres tu?

— Bom-dia para ti também — respondeu Owen. — Estou neste momento a sair do Sheetz, com café e donuts. Têm uma empregada nova no turno da manhã. É bastante atraente.

— Vou matar-te à martelada.

— Assim não tens café nem donuts. Vou agora para a obra. O Ry já lá deve estar. Reunião matinal.

— Isso é às dez.

— Não leste a mensagem que eu te enviei?

— Qual delas? Estou fora dois dias e tu envias-me um milhão de mensagens!

— A que te informava de que remarcámos para as sete e um quarto. Veste umas calças — sugeriu Owen e desligou.

— Raios!

Beckett tomou um duche rápido e vestiu umas calças.

As nuvens que haviam surgido durante a noite tinham conseguido manter algum do calor, por isso sair para a rua era como nadar completamente vestido num rio de águas cálidas.

Quando atravessava a rua, ouviu o ruído surdo de pistolas de pregos, a melodia de uma música e o lamento de serras. No interior, alguém ria como um louco.

Dobrou a esquina do edifício no momento em que Owen estacionava a sua pick-up no parque de estacionamento por detrás do pátio projetado. A pick-up reluzia graças a uma lavagem recente e as caixas de ferramentas prateadas presas dos lados da base cintilavam.

Owen saiu. Calças de ganga, uma t-shirt branca enfiada para dentro do cinto — que segurava também o maldito telemóvel que só faltava dizer-lhe boa-noite (e Beckett não apostava que assim não fosse) — e umas botas de trabalho ligeiramente desgastadas. O cabelo castanho-escuro estava impecavelmente penteado. Tivera obviamente tempo para barbear o bonito rosto, pensou Beckett com rancor.

Dirigiu um sorriso aberto a Beckett e este imaginou que os olhos por detrás daquelas lentes escuras estivessem vivos e alerta.

— Dá-me o raio do café.

Owen tirou o copo alto marcado com a letra B do seu encaixe no tabuleiro.

— Não consegui chegar antes das três. — Beckett bebeu o primeiro gole longo e reanimador.

— Porquê?

— Só consegui sair de Richmond perto das dez e apanhei logo um engarrafamento na 95. E não me venhas dizer que eu devia ter consultado a informação do trânsito antes de ter arrancado. Dá-me lá um maldito donut.

Owen abriu a enorme caixa e o cheiro a levedura, açúcar e gordura entranhou-se no ar denso. Beckett agarrou num donut coberto de geleia, abocanhou metade e engoliu-o com mais café.

— Os balaústres vão ficar bem — disse Owen com a habitual descontracção. — Foram tempo e dinheiro bem gastos. — Acenou com a cabeça em direção à pick-up do outro lado da rua. — As placas de gesso cartonado já estão colocadas no segundo andar. Vão receber hoje a segunda camada de argila. Acabou-se o cobre para o telhado, por isso

o trabalho vai atrasar-se um pouco, mas entretanto os homens estão a tratar das telhas de ardósia.

— Estou a ouvir — comentou Beckett com o ruído das serras de fundo.

Owen continuou a pôr o irmão a par dos progressos enquanto se encaminhavam para a porta do vestíbulo e o café acordava o cérebro de Beckett.

O nível de ruído aumentou consideravelmente, mas agora que Beckett tinha açúcar e cafeína no organismo, era música para os seus ouvidos. Ele cumprimentou dois trabalhadores que colocavam o isolamento e depois seguiu Owen através do arco lateral para o que seria a lavandaria e que, naquele momento, servia de escritório.

Ryder olhava de sobrolho franzido para as plantas abertas em cima de uma mesa de madeira prensada assente em cavaletes. *Pateta*, o seu desajeitado e meigo rafeiro — e inseparável companheiro —, estava esparramado a ressonar aos seus pés.

Até o cheiro a donut o fazer abrir os olhos e começar a abanar entusiasticamente a cauda. Beckett partiu um pedaço de donut, atirou-lho e o cão abocanhou-o em pleno ar.

*Pateta* não via qualquer sentido em correr atrás de paus, ou de bolas. Concentrava as suas aptidões na captura de qualquer tipo de comida.

— Se vais pedir mais alguma alteração, mato-te eu em vez do Owen.

Ryder limitou-se a grunhir e a estender uma mão para que lhe dessem café. — Precisamos de deslocar este quadro elétrico e encaixá-lo neste espaço para servir o primeiro andar.

Beckett tirou mais um donut enquanto ponderava a mão-cheia de alterações que Ryder lhe propunha.

Pequenos ajustes, pensou Beckett, que não faziam moossa e provavelmente melhorariam o projeto. Afinal, dos três Ryder era o que convivía mais de perto com o edifício. Mas quando Ryder propôs a eliminação do teto apainelado da sala de refeições — um pequeno ponto de discórdia entre os dois —, Beckett atacou.

— Vai ficar como na planta. É marcante.

— Não precisa de ser marcante.

— Todos os cómodos desde edifício vão ser marcantes. A sala de refeições é-o, entre outras coisas, com um teto apainelado. Adequa-se à sala e combina com os painéis que estamos a fazer para as laterais das

janelas. A profundidade das janelas, o teto, o arco de pedra na parede de fundo.

— És um chato. — Ryder passou os olhos pelos donuts e escolheu o de canela. Nem precisou de olhar para a cauda que se agitava freneticamente para arrancar um pedaço e o atirar ao ar.

Os dentes de *Pateta* apanharam-no em pleno voo.

— Como correram as coisas em Richmond?

— Da próxima vez que eu me oferecer para desenhar e ajudar a construir um *deck* coberto para um amigo, dá-me com uma coisa na pinha.

— Será um prazer. — Ryder sorriu com ironia. Os seus cabelos, de um castanho profundo, quase preto, saíam espetados de debaixo do boné publicitário da *MFC* manchado de tinta. As sobrancelhas ergueram-se sobre os olhos verdes salpicados de ouro. — Pensava que estavas a fazer isso principalmente para conseguires levar a irmã do Drew para a cama.

— Era parte da motivação.

— Como correu?

— Ela juntou-se com alguém há cerca de duas semanas, um detalhe que ninguém se deu ao trabalho de me transmitir. Nem sequer a vi. E ali estive eu, enfiado no quarto de hóspedes do Drew, a tentar fingir que não o ouvia a discutir com a Jen todas as noites e a ouvi-lo queixar-se de que ela faz da vida dele um autêntico inferno. — Bebeu o resto do café. — Mas o *deck* ficou bonito.

— Agora que regressaste, podias ajudar-me com os encastres da biblioteca — disse-lhe Owen.

— Tenho alguns assuntos para tratar, mas posso dar-te uma ajuda depois do meio-dia.

— Pode ser. — Owen entregou-lhe uma pasta. — A mãe foi até à Bast — disse ele, referindo-se à loja de mobiliário mais abaixo na mesma rua. — Aí estão cópias do que ela procura, com dimensões, e o quarto a que se destinam. Ela quer que tu desenhes.

— Mas eu desenhei o último lote antes de ter ido para casa do Drew. Como é que ela consegue comprar assim tão depressa?

— Ela vai encontrar-se lá amanhã com a tia Carolee. Vão falar dos tecidos, por isso ela quer ver o quanto antes se o que comprou se adequa. Foste tu quem bazou por uns dias na esperança de dar uma queca — lembrou-o Owen.

— E não conseguiu.

— Cala-te, Ry. — Beckett enfiou a pasta debaixo do braço. — É melhor deitar mãos a isto.

— Não queres subir para dar uma olhada?

— Eu fiz uma ronda ontem à noite.

— Às três da manhã? — perguntou Owen.

— Sim, às três da manhã. Parece estar a ir bem.

Um dos operários espreitou à porta. — Olá, Beck. Ry, há uma dúvida em relação ao gesso cartonado.

— Já lá vou. — Ryder tirou uma lista manuscrita do seu bloco e entregou-a a Owen. — Materiais. Vai encomendá-los. Quero a estrutura do alpendre colocada.

— Eu trato disso. Precisas mais de mim agora de manhã?

— Temos um milhão de escoras para preparar, vários quilómetros de isolamento para colocar e vamos pôr o chão de madeira no alpendre do primeiro andar, frente. O que achas?

— Acho que vou colocar o meu cinto de ferramentas depois de encomendar este material.

— Eu volto a passar por cá antes de ir para a loja hoje à tarde — disse-lhes Beckett, e saiu antes que lhe pusessem uma pistola de pregos na mão.

Em casa, Beckett enfiou uma caneca debaixo da máquina do café, verificou o nível da água e os grãos. Enquanto a máquina triturava os grãos, ele deu uma olhadela na correspondência que Owen empilhara em cima do balcão da cozinha. Owen deixara também bilhetes autocolantes com as horas a que regara as plantas, pensou Beckett com um meneio de cabeça. Embora não tivesse pedido a Owen, nem a qualquer outra pessoa, que tratasse dessas pequenas tarefas enquanto estivesse ausente, não estava admirado por encontrá-las feitas.

Em caso de pneu furado, ou de holocausto nuclear, podia-se contar com Owen.

Beckett largou a publicidade no balde da reciclagem e levou a correspondência que exigia atenção e o café para o escritório.

Ele gostava daquele espaço, que ele próprio concebera quando a família Montgomery comparara o prédio poucos anos antes. Tinha a velha

escrivaninha, um achado na feira da ladra, que restaurara, virada para a rua principal. Ali sentado, podia observar o hotel.

Beckett tinha terrenos na periferia da vila e planos para construir uma casa que desenhara, mal começara, e na qual estava constantemente a fazer pequenas alterações. Mas havia sempre outros projetos que se interpunham. De qualquer modo, não tinha pressa. Estava bastante satisfeito com o seu apartamento na rua principal por cima da pizaria Vista. E tinha ainda a vantagem de poder ligar a pedir uma fatia de piza enquanto trabalhava, ou descer simplesmente se lhe apetiesse comer acompanhado.

Podia ir a pé ao banco, ao barbeiro, ao restaurante Crawford's, se quisesse um pequeno-almoço quente ou um hambúrguer, à livraria, aos correios. Conhecia os vizinhos, os comerciantes, o ritmo de Boonsboro. Não, não havia motivos para ter pressa.

Olhou para a pasta que Owen lhe entregara. Era tentador começar por aí, ver o que a mãe e a tia tinham decidido, mas tinha outro trabalho para despachar primeiro.

Passou a hora seguinte a pagar contas, a atualizar outros projetos, a responder a emails que ignorara enquanto estivera em Richmond.

Conferiu a agenda de trabalhos de Ryder. Owen insistia que deviam ter um exemplar atualizado todas as semanas, embora se vissem e falassem uns com os outros a toda a hora. Estava quase tudo dentro do prazo previsto, o que, tendo em conta a magnitude do projeto, era um milagre considerável.

Olhou para o seu espesso dossier branco, cheio de fichas descritivas, impressões do computador e esquemas, tudo organizado por cada quarto, referentes aos sistemas de aquecimento e de ar condicionado, ao sistema de rega, a cada banheira, sanita, pia, lavatório, iluminação, azulejos, eletrodomésticos... e à mobília e acessórios já selecionados e aprovados.

O dossier ficaria ainda mais espesso antes de estar tudo concluído, por isso era melhor dar uma vista de olhos ao que a mãe tinha escolhido. Abriu a pasta e espalhou as fichas sobre a mesa. Em cada uma, a mãe especificava por iniciais o quarto para onde iria a peça. Beckett sabia que Ryder e a restante equipa continuavam a trabalhar baseados nos números que haviam atribuído aos quartos de hóspedes e às suites, mas ele sabia que J&R — primeiro andar, traseiro, e um dos dois com entradas privadas e lareiras — significava Jane & Rochester.

O conceito da mãe, do qual ele muito gostava, fora dar aos quartos nomes de casais românticos da literatura... com finais felizes. Ela fizera-o para todos à exceção da suite principal, com vista para a frente, a que decidira dar o nome de Penthouse.

Examinou a cama que ela queria e decidiu que o dossel de madeira teria encaixado muito bem em Thornfield Hall. Depois sorriu ao ver o sofá curvo, o divã que ela anotara dever ficar aos pés da cama.

Ela escolhera uma cómoda, dera a alternativa de uma escrivaninha com gavetas. Mais original, decidiu ele, mais interessante.

E, segundo parecia, ela estava decidida quanto a uma cama para Westley & Buttercup — a segunda suite, que dava para as traseiras — já que escrevera «É ISTO!!» em maiúsculas na folha.

Deu uma vista de olhos nas outras fichas; a mãe tinha estado muito ocupada. Depois virou-se para o computador.

Passou as duas horas seguintes a trabalhar em AutoCAD: a dispor, a ajustar, a medir. De vez em quando, abria o dossier, recordava o estilo e a disposição das casas de banho, ou dava mais uma olhadela à instalação elétrica, aos cabos para os ecrãs planos de cada quarto.

Quando se deu por satisfeito, enviou o ficheiro à mãe, com cópias para os irmãos, e deu-lhe as dimensões máximas para as mesas de cabeceira e eventuais cadeiras.

Beckett precisava de uma pausa e de mais café. Café gelado, decidiu. Melhor ainda, cappuccino bem fresco. Não havia motivos para não ir beber um à livraria Turn the Page. A livraria tinha um bom café e assim podia esticar um pouco as pernas na curta caminhada pela rua principal.

Ignorou o facto de a máquina de café que se dera ao luxo de comprar poder fazer cappuccino... e o de ter gelo em casa. E disse para si mesmo que ia dar-se ao trabalho de fazer a barba porque estava demasiado calor para andar com barba de dois dias.

Saiu, desceu a rua principal e parou em frente do Sherry's Beauty Salon para falar com Dick enquanto o barbeiro fazia uma pausa.

— Como está a correr?

— Já começámos a aplicar as placas de gesso cartonado — disse-lhe Beckett.

— Pois, eu ajudei-os a descarregar algumas.

— Vamos ter de te pôr na folha de pagamentos.



Dick sorriu e levantou o queixo em direção ao hotel. — Gosto de o ver renascer.

— Eu também. Até logo.

Beckett prosseguiu o seu caminho, subiu os degraus para o alpendre coberto da livraria e entrou fazendo tilintar a sineta da porta. Levantou uma mão num cumprimento a Laurie, no momento em que a livreira registava uma venda a um cliente. Enquanto esperava, deambulou até à estante de bestsellers e novidades. Pegou no último livro de John Sandford — como é que lhe tinha escapado? —, passou os olhos pelas críticas no interior e manteve-o na mão enquanto relanceava as pilhas de livros.

A livraria tinha um ambiente descontraído, que convidava à visita, com as salas fluindo naturalmente entre si, com a escada em caracol que conduzia ao escritório e ao armazém do primeiro andar. Bugigangas, cartões, algumas peças de artesanato local, um pouco disto, um pouco daquilo... e, principalmente, estantes, mesas e caixas repletas de livros que encorajavam a curiosidade.

Mais um edifício antigo, a livraria vira também guerra, mudança, vivera períodos de carência e períodos de abundância. Agora, com as suas cores suaves e velhos soalhos, conseguia reter a atmosfera da residência que fora em tempos.

A Beckett, cheirava-lhe sempre a livros e mulheres, o que fazia sentido, já que a proprietária empregava apenas mulheres, quer em regime de tempo inteiro, quer em part-time.

Descobriu um Walter Mosley recém-publicado e pegou também nesse livro. Olhou de relance para as escadas que conduziam ao escritório do primeiro andar e atravessou a porta aberta para a secção dos fundos da livraria. Ouviu vozes, mas constatou rapidamente que pertenciam a uma menina e a uma mulher a quem ela chamava mamã.

Clare tinha filhos... três rapazes, pensou. Talvez nem estivesse na loja naquele dia, ou só chegasse mais tarde. Além disso, ele fora ali para tomar café e não para ver Clare Murphy. Clare Brewster, lembrou a si mesmo. Era Clare Brewster há dez anos, por isso era melhor habituar-se.

Clare Murphy Brewster, refletiu Beckett; mãe de três meninos, proprietária da livraria. Apenas uma velha amiga de liceu, que regressara a casa depois de um atirador iraquiano lhe ter devastado a vida e a ter deixado viúva.

Ele não fora ali para a ver, a não ser de passagem, se ela por acaso

estivesse. Não havia sentido em fazer questão de ver a viúva de um rapaz que andara consigo na escola, de quem gostara e que invejara.

— Desculpa pela demora. Como vai isso, Beck?

— O quê? — Ele acordou dos seus devaneios e virou-se para Laurie quando a sineta da porta tilintou atrás dos clientes. — Oh, não faz mal. Encontrei uns livros.

— Imagine-se! — disse ela, e sorriu-lhe.

— Eu sei, quais são as probabilidades? Espero que sejam tão grandes como as de eu conseguir um cappuccino gelado.

— Posso ajudar-te nisso. Este verão, a ordem do dia é tudo gelado. — Com os cabelos cor de mel presos com um gancho devido ao calor, ela apontou para os copos. — Grande?

— Podes apostar.

— Como vai o hotel?

— Está a andar. — Beckett dirigiu-se para o balcão quando ela se virou para a máquina de café expresso.

Bonita rapariga, pensou Beckett. Trabalhava para Clare desde o início, conjugando o trabalho com os estudos. Cinco... talvez seis anos. Seria possível ter passado já tanto tempo?

— As pessoas estão sempre a perguntar-nos — disse-lhe ela enquanto preparava o cappuccino. — Quando, quando, quando, o quê e como. E principalmente quando é que vais tirar aquela lona para todos podermos ver como está.

— E estragar a grande revelação?

— Estou morta de curiosidade.

Com a conversa e o barulho da máquina, ele não a ouviu, mas sentiu-a. Levantou os olhos quando ela descia a escada curva, uma mão deslizando pelo corrimão.

Quando sentiu o coração dar um pulso, Beckett pensou, *ena!*, mas Clare deixava-o de coração aos pulos desde que ele tinha dezasseis anos de idade.

— Olá, Beck. Bem me parecia que tinha ouvido a tua voz aqui em baixo.

Clare sorriu e o coração dele deixou de pular e parou por completo.

## CAPÍTULO DOIS

**E**le conseguiu controlar-se. Sorriu-lhe também, rápida e desconfiadamente, enquanto ela descia as escadas com o seu longo rabo de cavalo dourado a oscilar. Ela trazia-lhe sempre à lembrança um girassol; alta, luminosa e alegre. Os olhos cinzentos continham laivos de verde que lhes conferiam brilho sempre que a boca, com a sua profunda depressão vertical acima do lábio superior, curvava num sorriso.

— Já não te via há uns dias — comentou ela.

— Estive em Richmond. — Ela apanhara algum sol, pensou ele, e ficara com um leve tom dourado na pele. — Perdi alguma coisa?

— Vejamos. Alguém roubou o duende do jardim da Carol Tecker.

— Credo. Uma onda de crimes.

— Ela oferece uma recompensa no valor de dez dólares.

— Vou manter-me atento.

— Alguma novidade no hotel?

— Começámos a colocar o gesso cartonado.

— Isso já é velho. — Ela desdenhou a informação com um aceno de mão. — Disse-me ontem a Avery que, por sua vez, soube pelo Ry quando ele passou por lá para comer uma piza.

— A minha mãe vai fazer mais uma encomenda de mobiliário e vai passar agora aos tecidos.

— Ora aí está uma novidade! — Salpicos verdes cintilaram no

cinzento, deslumbrando-o. — Adorava ver o que ela está a escolher. Tenho a certeza de que vai ficar lindo. E ouvi dizer que ia ter uma banheira de cobre...

Beckett levantou três dedos.

— Três? Onde é que descobres essas coisas?

— Segredos do negócio.

Clare olhou para Laurie com um longo suspiro feminino. — Imagina-te a relaxar dentro de uma banheira de cobre. É tão romântico...

Infelizmente, ele imaginou-a imediatamente a despir o bonito vestido leve com papoilas vermelhas sobre um fundo azul... e a entrar numa banheira de cobre.

E isso não era conseguir controlar-se, lembrou a si mesmo.

— Como estão os miúdos? — perguntou Beckett, tirando a carteira do bolso.

— Estão ótimos. Estamos a começar a comprar o material para o regresso às aulas, por isso estão entusiasmados. O Harry finge não estar e anda armado em entediado por já ir para o terceiro ano. Mas ele e o Liam estão empenhados em transmitir a sua vasta experiência ao Murphy. Mal posso crer que o meu bebé já vai para o infantário.

Pensar nos miúdos equilibrava-o sempre, ajudava-o a integrá-la na categoria de MÃE que não se podia imaginar nua.

— Oh. — Clare apontou para o livro de Mosley antes de Laurie o ensacar. — Ainda não tive a oportunidade de o ler. Depois diz-me a tua opinião.

— Claro. Ah, devias vir até ao hotel para dares uma vista de olhos.

Ela sorriu instantaneamente. — Nós espreitamos pelas janelas laterais.

— Podes entrar pelas traseiras.

— A sério? Adoraria, mas pensei que não quisesses ninguém a atrapalhar.

— Regra geral, não, mas... — Beckett calou-se quando a sineta da porta tilintou e dois casais entraram na livraria. — Bem, é melhor eu ir andando.

— Boas leituras — disse-lhe ela, virando depois a atenção para os clientes. — Posso ajudá-los?

— Estamos de visita à vila — disse-lhe um dos homens. — Tem algum livro sobre a batalha de Antietam?

— Sim, temos. Deixe-me mostrar-lhe. — Levou-o, enquanto o restante grupo começava a dar uma vista de olhos.

Beckett viu-a descer o pequeno lanço de escadas que conduzia ao que todos chamavam de anexo.

— Bom, até logo, Laurie.

— Beck?

Ele parou com a mão na maçaneta da porta.

— Livros? Café? — Laurie estendeu-lhe o saco numa mão e o copo na outra.

— Ah, claro. — Ele riu-se e abanou a cabeça. — Obrigado.

— De nada. — Ela suspirou ligeiramente quando ele saiu e perguntou-se se o namorado alguma vez a observaria quando ela se afastava.

Clare carregava uma caixa de livros para enviar pelo correio. Inspirou profundamente ao sair pelas traseiras e atravessou o parque de estacionamento de terra batida com uma brisa a soprar-lhe no rosto.

Ela achava, ou esperava, que fosse prenúncio de chuva. Quem sabe, uma bela chuvada que lhe poupasse o tempo que demorava a regar o jardim e os vasos. Se não chegasse com trovoadas, podia deixar os miúdos correrem pelo jardim molhado a seguir ao jantar para queimarem alguma energia.

Depois dar-lhes-ia banho e, como era noite de filme, prepararia umas pipocas. Teria de verificar a tabela para ver de quem era a vez de escolher o filme.

Ela tinha aprendido que as tabelas ajudavam a diminuir as discussões, as queixas e os conflitos quando três meninos tinham de decidir se queriam distrair-se a ver o Sponge Bob, os Power Rangers, ou o Star Wars. Não eliminavam por completo as discussões, as queixas e os conflitos, mas mantinham-nas geralmente a um nível mais controlável.

Clare pousou a caixa de livros e conversou por alguns instantes com a funcionária dos correios. Como o trânsito na Route 34 era intenso, regressou a pé até à praça, premiu o botão do semáforo para a passagem dos peões e aguardou.

De vez em quando, ocorria-lhe que estava, pelo menos geograficamente, no ponto onde havia começado. Tudo o resto havia mudado, refletiu, olhando para a grande lona azul.

E continuava a mudar.

Saíra de Boonsboro aos dezanove anos, recém-casada. Tão nova!, pensou. Tão empolgada e confiante, tão apaixonada. Não lhe custara nada mudar-se para a Carolina do Norte para começar uma vida nova com Clint, como mulher de um oficial do exército.

E fizera um bom trabalho, decidiu. Construía um lar e cuidara do mesmo; trabalhara em part-time numa livraria... e corra para casa ao final do dia para preparar o jantar. Descobrira que estava grávida poucos dias antes de Clint ter sido destacado para a primeira missão no Iraque.

Nessa altura soubera o que era sentir medo, recordou Clare quando atravessava a rua em direção à pizaria Vest. Mas este havia sido contrabalançado pelo ingénuo otimismo da juventude e pela alegria de estar à espera de um filho... que dera à luz em casa pouco depois de completar os vinte anos.

Então Clint regressara e haviam partido para o Kansas. Havia tido quase um ano. Liam nascera durante a segunda missão de Clint. Quando este regressara a casa novamente, havia sido um excelente pai para os dois meninos, mas a guerra roubara-lhe a alegria de viver e a gargalhada fácil.

Clare desconhecia a gravidez quando lhe dera o último beijo de despedida.

No dia em que lhe haviam entregado a bandeira do caixão de Clint, Murphy dera pela primeira vez um pontapé dentro da sua barriga.

E agora, pensou ao abrir a porta de vidro, ela estava de regresso a casa. Para sempre.

Planeara a visita para o período pós-almoço e antes do início dos preparativos do jantar. Havia algumas pessoas sentadas às mesas de madeira escuras e lustrosas e uma família — não residente, reparou ela — aglomerada em redor da mesa do canto mais afastado. O bebé de cabelos encaracolados estava deitado sobre as almofadas vermelhas e dormia profundamente.

Clare acenou a Avery quando a amiga, que estava atrás do balcão de serviço, colocava molho sobre massa de piza. Sentindo-se em casa, Clare avançou para se servir de um copo de limonada e levou-o até ao balcão.

— Acho que vai chover.

— Disseste o mesmo ontem.

— Hoje estou mesmo convencida.

— Muito bem. Vou buscar o guarda-chuva. — Avery cobriu o molho com mozarela ralado e dispôs rodelas de *pepperoni*, cogumelos cortados e azeitonas pretas. Com movimentos rápidos e experientes, abriu um dos fornos grandes atrás de si e introduziu a piza. Retirou outra e cortou-a em fatias.

Uma das empregadas de mesa saiu apressadamente da cozinha, entou um animado «Olá, Clare!» e levou a piza e os pratos para uma das mesas.

— Uf! — disse Avery.

— Dia movimentado?

— Estivemos apinhados das onze e meia até há cerca de meia hora.

— Estás de serviço esta noite? — perguntou Clare.

— A Wendy ligou a dizer que está doente, outra vez, por isso acho que vou fazer turno duplo.

— A doença deve significar que fez novamente as pazes com o namorado.

— Eu também ficaria doente se andasse com aquele imbecil. Ela faz umas pizzas fantásticas. — Avery tirou uma garrafa de água de debaixo do balcão e gesticulou. — Mas provavelmente vou ter de a dispensar. Os miúdos de hoje em dia não têm ética no trabalho. — Revirou os olhos azuis.

— Estou a tentar lembrar-me do nome do tipo com quem estavas enrolada quando foste apanhada a faltar às aulas.

— Lance Poffinberger... um lapso momentâneo. E se eu paguei por isso! Fiz asneira uma vez, uma só vez, e o meu pai pôs-me de castigo durante um mês. O Lance trabalha como mecânico na oficina do Canfield. — Avery oscilou as sobranceiras enquanto bebia um gole de água. — Os mecânicos são uma brasa.

— A sério?

— Sendo o Lance a exceção que confirma a regra.

Atendeu o telefone, anotou mais um pedido, tirou a piza do forno e cortou-a para a empregada a levar, ainda a borbulhar, para a mesa.

Clare desfrutou da limonada enquanto via Avery trabalhar.

Haviam sido amigas no liceu, ambas líderes de claque. Um pouco competitivas, mas amistosas. Haviam perdido o contacto quando Avery entrara na faculdade e Clare partira pouco depois com Clint para Fort Bragg.

Tinham retomado a amizade quando Clare, grávida de Murphy e

com dois meninos a reboque, regressara à vila. E Avery, com os cabelos ruivos e a pele alva dos antepassados escoceses, acabara de inaugurar o familiar restaurante italiano.

— O Beckett passou pela livraria há bocado.

— Avisem a imprensa!

Clare respondeu ao sarcasmo com um sorriso presunçoso. — Ele disse que eu podia dar uma vista de olhos ao interior do hotel.

— Sim? Deixa-me acabar de tratar deste pedido e saímos.

— Não posso ir agora. Tenho de ir buscar os miúdos... — olhou para o relógio de pulso — ...dentro de uma hora. E ainda tenho trabalho para fazer. Pode ser amanhã? Talvez antes do pico de movimento aqui, ou à hora do lanche?

— Combinado. Eu venho antes das nove para acender os fornos e preparar as coisas. Posso dar uma escapadela por volta das dez.

— Então fica combinado às dez. Tenho de ir. Trabalho, ir buscar os miúdos, preparar o jantar, os banhos, e hoje é noite de filme.

— Temos uns raviólis de espinafre excelentes, se quiseres eliminar a parte da preparação do jantar.

Clare ia recusar, mas depois decidiu que seria uma excelente forma de os filhos comerem espinafre e de lhe poupar cerca de quarenta e cinco minutos na cozinha. — Combinado. Escuta, os meus pais querem que os miúdos durmam lá no sábado. Que tal se eu preparasse algo diferente de piza, acompanhado de uma garrafa de vinho, e tivéssemos uma noite só para mulheres?

— Parece-me bem. Também podíamos vestir uns vestidos sexy, sair e, quem sabe, encontrar uns homens com quem partilhar a noite.

— Podíamos, mas como eu vou passar a maior parte do dia no centro comercial a tentar convencer três miúdos pequenos a experimentar roupa para o regresso às aulas, o mais provável seria matar o primeiro homem que me dirigisse a palavra.

— Então será uma noite só para mulheres.

— Perfeito.

Avery embalou o pedido e anotou na conta de Clare.

— Obrigada. Até amanhã.

— Clare — disse Avery quando Clare se encaminhava para a porta. — No sábado levo mais uma garrafa de vinho, alguma coisa doce para sobremesa. E o meu pijama.



— Melhor ainda. Quem precisa de um homem, quando se tem uma melhor amiga compincha?

Clare riu-se quando Avery levantou uma mão. Ao sair, quase esbarrou em Ryder.

— Dois de três — disse ela. — Estive com o Beck hoje cedo. Agora só me falta o Owen para completar.

— Vou para casa da minha mãe. O Owen e o Beck estão a trabalhar no atelier. Dou-te boleia — disse ele com um sorriso. — Acabei de comprar o jantar, já que a minha mãe diz que está demasiado calor para cozinhar.

Clare levantou o saco. — Concordo com ela. Dá-lhe cumprimentos meus.

— Darei. Estás com bom aspeto, Clare. Queres ir dançar?

Ela respondeu-lhe também com um sorriso enquanto premia o botão do semáforo. — Claro. Vai buscar-me e aos miúdos por volta das oito.

Ela teve sorte com o *timing* e atravessou a rua com um aceno de mão. Tentou recordar-se da última vez que um homem a convidara seriamente para dançar.

Não conseguiu.

O atelier dos Montgomery era grande como uma casa e tinha sido concebido para se assemelhar a tal. Ostentava um longo alpendre frequentemente apinhado de projetos em diversos estágios, incluindo duas cadeiras Adirondack já desgastadas à espera de reparação e pintura há mais de dois anos.

Portas, janelas, duas pias, caixas de tijolos, ripas de madeira, contraplacado e itens diversos, sobejantes de outros projetos, misturados num anexo traseiro que haviam acrescentado quando o espaço se havia esgotado.

Como a balbúrdia o deixava louco, Owen organizava o alpendre de poucos em poucos meses, para Ryder ou Beckett levarem mais alguma coisa e a largarem em qualquer sítio.

Ele sabia muito bem que eles faziam de propósito.

O espaço principal continha utensílios de mesa, bancadas de trabalho, prateleiras cheias de material, dois enormes carrinhos de ferramentas,

pillas de madeira, velhos frascos e latas de café (etiquetadas por Owen) com parafusos, pregos, cavilhas.

Embora o atelier nunca correspondesse aos níveis de exigência de Owen, ali os homens mantinham, pelo menos, uma organização aparente.

Trabalhavam bem em conjunto, com a antiga aparelhagem de som da casa de família a jorrar rock, duas ventoinhas de chão a agitarem o ar quente, a serra de mesa a zumbir enquanto Beckett se preparava para cortar o pedaço seguinte de madeira de castanheiro.

Ele gostava de trabalhar com a madeira; gostava da sensação, do cheiro. *Cus* — abreviatura para *Atticus* —, o grande *labrador retriever* da mãe, estava deitado debaixo da mesa a dormir. O irmão de *Cus*, *Finch*, largava, a cada dez segundos, uma bola de baseball de borracha aos pés de Beckett.

*Pateta* estava deitado de costas em cima de um monte de serradura, patas para cima.

Quando Beckett desligou a serra, olhou para os olhos empolgados de *Finch*. — Pareço-te em modo de brincadeira?

*Finch* apanhou novamente a bola com a boca e largou-a em cima da bota de Beckett. Embora soubesse que ia encorajar a brincadeira, Beckett agarrou na bola e atirou-a pela porta da frente do atelier.

*Finch* perseguiu-a, louco de felicidade.

— Masturbas-te com essa mão? — perguntou-lhe *Ryder*.

Beckett limpou a baba do cão às calças de ganga. — Sou ambidestro.

Pegou noutro pedaço de castanheiro que *Ryder* medira e marcara. E *Finch* apareceu a correr com a bola na boca, largando-a aos seus pés.

O processo prosseguiu, com *Ryder* a medir e a marcar, Beckett a cortar e Owen a montar as peças com cola de madeira e grampos, de acordo com as linhas marcadas nas folhas de contraplacado.

Uma das duas enormes estantes de livros que iriam flanquear a lareira da biblioteca estava à espera que as portas inferiores fossem lixadas e pintadas. Assim que concluíssem a segunda, e o rodapé da lareira, iriam muito provavelmente deixar para Owen o trabalho mais minucioso.

Todos eles tinham jeito, pensou Beckett, mas ninguém podia negar que Owen era o mais meticuloso dos três.

Desligou a serra, atirou a bola para o delirante *Finch* e reparou que escurecera lá fora. *Cus* levantou-se com um bocejo, espreguiçou-se e

encostou-se à perna de Beckett para uma esfrega antes de sair calmamente do atelier.

Estava na hora de parar, decidiu Beckett, tirando três cervejas do velho frigorífico. — Está na hora da cerveja — anunciou ele, entregando as garrafas aos irmãos.

— Já percebi. — Ry pontapeou pela janela a bola que o cão largou aos seus pés, com a mesma precisão com que pontapearia uma de futebol por entre os postes nos tempos de liceu.

*Finch* deu um salto e saiu disparado atrás dela. Ouviu-se um estrondo no alpendre.

— Viste aquilo? — perguntou Beckett quando o irmão desatou a rir à gargalhada. — Aquele cão é doido.

— Foi um belo salto. — Ryder molhou o polegar e passou-o sobre a superfície lateral da estante. — Esta madeira é muito bonita. O castanheiro foi uma boa aposta, Beck.

— Vai conjugar bem com o soalho. O sofá precisa de ser forrado a pele — decidiu. — Escura, com couro mais claro nas cadeiras para fazer contraste.

— Tu é que sabes. Os candeeiros de teto que a mãe encomendou chegaram hoje. — Ryder bebeu um gole de cerveja.

Owen pegou no telemóvel para fazer uma anotação. — Inspecionaste-os?

— Estava um bocadinho ocupado.

Owen tomou mais uma nota. — Marcaste as caixas? Puseste-as no armazém?

— Sim, sim. Marquei-as e estão na cave da Vesta. Os candeeiros da sala de jantar, teto e apliques, também já chegaram. Fiz a mesma coisa.

— Preciso das guias de remessa.

— Estão lá, Nancy.

— Temos de manter a papelada organizada, Jethro.

*Finch* reapareceu, largou a bola e ficou a agitar a cauda com força.

— Vê lá se ele repete a proeza — sugeriu Beckett.

Seguindo a sugestão, Ryder lançou a bola pela janela com o pé. O cão lançou-se atrás. Ouviu-se um estrondo. Intrigado, *Pateta* aproximou-se lentamente e colocou as patas sobre o parapeito. Pouco depois tentou trepar a janela.

— Tenho de arranjar um cão. — Owen bebericou a cerveja enquanto

observava as patas traseiras de *Pateta* a derraparem no chão. — Vou arranjar um cão, assim que concluirmos este projeto.

Fecharam o atelier e, de cervejas na mão, passaram mais quinze minutos à conversa e a atirarem a bola ao incansável *Finch*.

As cigarras e os pirilampos enchiam de som e brilho a faixa de relvado e o bosque circundante. De vez em quando, um mocho arranjava energia para piar pesarosamente. Beckett recordou outras sufocantes noites de verão, em que os três haviam corrido pelo bosque com a mesma energia inesgotável de *Finch*. Com as luzes da casa na encosta acesas como estavam naquele momento.

Quando as luzes começavam a apagar e acender, significava que era a hora de regressarem... que para eles era sempre cedo de mais.

Beckett preocupara-se com o facto de a mãe viver sozinha naquela casa grande no meio do arvoredo. Quando o pai morrera — um duro golpe —, os três haviam basicamente voltado para casa... até ela os ter expulsado novamente alguns meses depois.

Ainda assim, provavelmente durante mais um ano, pelo menos um deles arranjava uma desculpa para pernoitar lá cerca de uma vez por semana. Mas a simples verdade era que ela sabia cuidar-se muito bem. Tinha o seu trabalho, a irmã, as amigas, os cães. Justine Montgomery não deambulava pela casa. Vivia nela.

Ryder acenou com a cabeça em direção à casa, onde permaneciam acesas as luzes do alpendre e da cozinha — caso eles regressassem — e a do escritório da mãe.

— Ela está lá em cima à caça de mais coisas na internet.

— É boa nisso — disse Beckett. — E se ela não dedicasse tempo a essa tarefa, e não fosse extremamente perspicaz, estaríamos nós a fazê-la.

— Tu fazes na mesma — salientou Ryder. — Senhor «Escuro, mas Repleto de Contraste».

— Faz tudo parte do projeto, mano.

— Falando nisso, — interrompeu Owen, — ainda precisamos das luzes de segurança e das placas de saída de emergência.

— Ando à procura. Recuso-me a usar umas feias. — Beckett enfiou as mãos nos bolsos e reforçou o argumento: — Vou arranjar alguma coisa que funcione. Vou-me embora agora. Amanhã fico cá quase o dia todo — disse a Ryder.

— Traz as tuas ferramentas.